

Identifique a oração mais apropriada:

- a) Esse juiz foi **mais bem** classificado no concurso.
- b) Esse juiz foi **melhor** classificado no concurso.

Em meio aos clássicos, a forma sintética (melhor) corria às maravilhas. Hoje, a analítica (mais bem) é a preferida. A elegância e a eufonia convocam a opção **a**. Saiba mais.

### **Ele foi mais bem informado ou melhor informado?**

O tema de hoje não é tão sopa, afinal encerra tropeços. Por e-mail – pronunciemos i-mêil –, solicitam-me esclarecimento quanto ao uso de **mais bem** ou **melhor**. Em suma, como devo escrever: Ele é mais bem informado / mais bem-informado ou melhor informado? No mesmo rumo: Ele foi mais mal informado / mais mal-informado ou pior informado?

Começemos do começo. Às vezes, o adjetivo se confunde com o particípio (verbo). Só para abrir o papo: **bem-educado e mal-educado** são adjetivos. Palavras compostas, trazem o hífen: Esses termos são impróprios para uma pessoa bem-educada. / Isso condiz ao estilo de mulher mal-educada.

Nada têm a ver com **bem educado e mal educado**: são expressões (mais de uma palavra) formadas do advérbio bem ou mal e do particípio. Sempre **sem** hífen: A menina foi bem educada. / Você foi muito mal educado por seus pais! Se **mal-educado** (adj.) significa malcriado, **mal educado** (part.) é aquele que **recebeu** má educação (que foi dada por alguém).

Todo cuidado é pouco. Os prefixos **bem** e **mal** se comportam cada um a seu modo. Formando adjetivos – também substantivos –, **bem** exige hífen antes de qualquer letra: hospital bem-aparelhado, linguagem bem-cuidada, loja bem-montada.

Mais: O magistrado desfilou argumentos bem-fundados. / Ela renasceu com uma bem-sucedida cirurgia.

Já o prefixo **mal**, este pede hífen quando seguido de vogal, h ou l: casa mal-assombrada, homem mal-intencionado, chefe mal-humorado, toalhas mal-lavadas. Fora disso – ainda que estranhável, esquisito –, tudo é aglutinado: O bife continua malpassado. / O goleiro levou um frango: estava malcolocado.

Esta, a grande questão: como distinguir um adjetivo de um particípio. O **adjetivo** ora acompanha seu substantivo – mulher mal-amada, moça bem-vestida –, ora faz o papel de predicativo, unido ao sujeito pelo verbo de ligação: Ele me pareceu maldisposto. / Nossas malas estão bem-arrumadas.

Demos mais um passo: A proposta foi bem formulada (ou mal formulada) pelo advogado. Aqui se trata de particípio, que traz um agente da passiva claro (pelo advogado) ou subentendido. Olhos atentos: no caso de particípio, o hífen nunca tem vez: O egresso da universidade é sempre bem acolhido em casa. / Meu amigo foi mal aconselhado pelo pai.

Outra técnica de identificação – que não a do agente da passiva – nos é dada por Maria Tereza Piacentini: *Quando é advérbio, a palavra **bem** ou **mal** pode ser deslocada na frase sem prejuízo de sentido*. Fiquemos com este exemplo: João foi bem educado. Possibilita a inversão: João foi educado bem.

Igualmente: O assunto foi mal entendido (foi entendido mal). / Os templos estão bem preservados (estão preservados bem). / O planejamento foi bem feito (foi feito bem). Em tempo: quando se tratar de adjetivo – sentido de bonito, no capricho –, escreva assim: mulher bem-feita de corpo, tarefa bem-feita.

Em meio à literatura – aí incluídos os principais dicionários –, o tema continua transpirando insegurança. Confiável é o *Manual de boa escrita*, de Piacentini. Bem assim o *Habeas verba*, do Prof. Kaspary, e o *Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa*, de Evanildo Bechara.

Chegamos ao cerne desta coluna. Às vezes, vacilamos quanto ao uso de **mais bem** ou **melhor**. Por igual, de **mais mal** ou **pior**. A dúvida, que só se situa **no âmbito do particípio**, é: A pergunta foi mais bem formulada ou melhor formulada? / O texto foi mais mal explicado ou pior explicado?

A verdade é que as duas construções passeiam por aí. Se Machado de Assis e outros expoentes fizeram uso de melhor/pior, que autoridade a nossa para condenar tal uso? Quem ousaria fazê-lo? É do fundador da Academia Brasileira: *E foi à estante e tirou um dos relatórios para ser **melhor** visto.*

Esta também é de Machado: *Eu tinha estudado no seminário algumas matérias que é bom saber, e são sempre **melhor** estudadas naquelas casas.* Isso denota que recorrer à forma sintética (pior/melhor) não merece impugnação. Bastariam esses fragmentos para legitimá-las.

Todavia, o uso da analítica – mais bem ou mais mal – é mais bem acolhido nos dias que correm. Entre **mais bem** ou **melhor** classificado, o filólogo Cândido de Figueiredo doutrina: *Embora se descubram alguns exemplos clássicos, que talvez autorizassem melhor classificado, o caminho seguro é outro.*

Ainda que os clássicos estivessem certos, a tendência moderna não está errada. Vale o conselho de Cândido Jucá, gramático de renome. *Em Curso de português*, leciona que *o melhor... é o que praticou o Rui: **não foi mais bem sucedido.***

Que ninguém nos ouça: além de mais elegante, é mais eufônica. Nossas orelhas agradecem! O bom senso também.

Basta!

Cuiabá-MT, 11-5-2017.

**Prof. Germano Aleixo Filho,**  
**Assessor da Presidência do TJMT.**